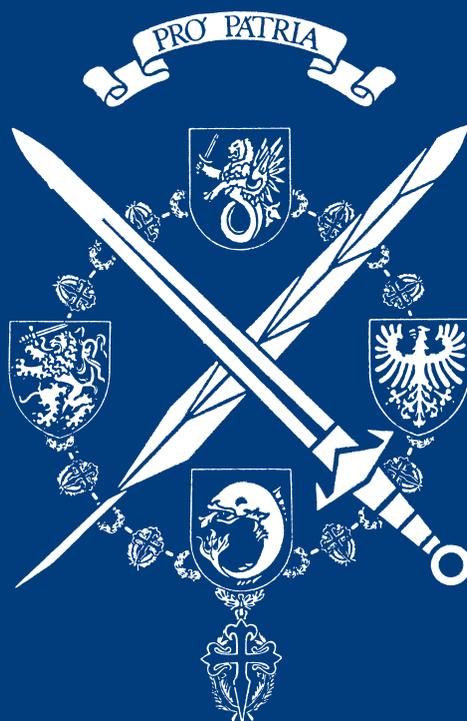


Revista Militar



PORTUGAL NA I GUERRA MUNDIAL TEATRO DE OPERAÇÕES EUROPEU (1914-1918)

Fundada em 1848 2ª Época 1905
Publicação iniciada em Janeiro de 1849

Pessoa Coletiva de Utilidade Pública

II Século – 68º Volume – N.º 5

Número Temático – Maio de 2016

Presidente da “Comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da I Guerra Mundial”



Tenente-general Mário de Oliveira Cardoso

Neste terceiro ano de evocações sobre a participação de Portugal na Grande Guerra (1914-1918), acordou a Comissão com a Direção da Revista *Militar* editar um outro número temático, agora sobre o Teatro de Operações (TO) europeu. Já em 2014, tinha a *Revista Militar* feito trabalho semelhante mas sobre as campanhas no TO africano.

Também agora se optou por selecionar e publicar alguns textos da época e convidar Sócios Efetivos, de hoje, para uma interpretação contemporânea do passado.

Uma reflexão sobre o que foi feito até agora pela Comissão reforça a nossa ideia de que a alguns atos públicos de homenagem aos Soldados Portugueses que participaram naquela guerra, não só inevitáveis mas de inteira justiça, era necessário incentivar a produção de textos e, de preferência, inéditos. Serão esses textos o legado deixado para os vindouros, da forma como interpretámos as razões do nosso envolvimento naquele conflito, 100 anos mais tarde, agora que não existe qualquer restrição à liberdade de expressão, conquistada que foi, a mesma, com a democracia efetiva.

Os historiadores consideram que a Grande Guerra marca um período determinante para a Europa política que dela resultou e a evolução que tem tido, até aos dias de hoje, parece evidenciar que ainda não foi encontrada a sua expressão final.

Para Portugal, a Grande Guerra foi, também, determinante, na medida em que nos inseriu (de novo) no espaço geográfico a que efetivamente pertencemos e por ter sido caracterizada pela forma pouco cuidada como os Governos de então – e foram muitos – encararam a política de Defesa Nacional. As lições do passado obrigam-nos a usar de prudência para que situações como as vividas então não voltem a repetir-se!

É que:

- Os Exércitos não se improvisam. Preparam-se;
- Os Exércitos não se armam quando é preciso. Têm que estar sempre prontos;
- Se parece ser possível que os Exércitos possam crescer em tempo de crise, é impossível que não possuam, em permanência, a capacidade mínima para uma resposta efetiva e credível;
- Se parece inquestionável a necessidade de existir uma retaguarda consciente da necessidade de ter umas Forças Armadas e que delas se orgulhe e nelas se reveja, compete a quem governa conduzir esse serviço de cidadania;
- Se as ameaças dos dias de hoje são difíceis de caracterizar e complexas (a doutrina militar designa-as, hoje, de híbridas¹), os Exércitos necessitam de uma preparação ainda mais cuidada, de Unidades Operacionais organizadas em permanência e constantes, com o treino suficiente para rapidamente se adaptarem às circunstâncias e não ficarem limitadas na sua operacionalidade por não estarem preparadas para o imprevisto.

Este número temático da *Revista Militar* é um convite à reflexão!

A disponibilização do acervo bibliográfico da *Revista Militar* é um bem precioso para todos os investigadores da nossa história, uma fonte de consulta para todos os que querem encontrar no passado razões para entender como chegamos aos dias de hoje, a manifestação do correto entender do dever de serviço público.

A *Revista Militar* cumpriu, e bem, a sua missão no âmbito do programa de Evocação do Centenário da Participação de Portugal na I Guerra Mundial.

1 Ameaça Híbrida: Capacidade de atuar de forma coordenada e integrada, combinando as potencialidades de uma força irregular com as de uma força regular, moderna, atual, para potenciar os efeitos que são capazes de provocar.



100 ANOS 1914
1918
GRANDE GUERRA

Apoio da

COMISSÃO COORDENADORA DAS EVOCAÇÕES
DO CENTENÁRIO DA I GUERRA MUNDIAL
